



ENTREVISTA COM JOSÉ HORTA NUNES

INTERVIEW WITH JOSÉ HORTA NUNES

Maycon SILVA AGUIAR¹

Jonathan Ribeiro FARIAS DE MOURA²

José Horta Nunes é licenciado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas; e mestre e doutor em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas. Realizou estágio pós-doutoral na École Normale Supérieure de Lyon. Foi professor na Universidade Estadual de São Paulo “Júlio de Mesquita Filho”. É pesquisador da Universidade Estadual de Campinas. Atua como Membro Associado Estrangeiro do CNRS, na França. Concentra sua produção em Análise do Discurso e em História das Ideias Linguísticas; seus temas de maior interesse são os seguintes: discurso sobre/da cidade, estudos do léxico urbano; análise histórico-discursiva de dicionários e de enciclopédias³, divulgação científica.

1. Como se iniciou sua trajetória na linguística? Em particular, (1) o que o direcionou aos estudos sobre o discurso; e (2) de que modo entrou em contato com a professora Eni Orlandi, sua orientadora nos cursos de mestrado e de doutorado e introdutora da Análise do Discurso de linha francesa no Brasil?

Na graduação em Letras na PUCCAMP, entrei em contato com as teorias de Saussure, Jakobson e Peirce, e no último ano cursei pela primeira vez uma disci-

1 Aluno do Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: maycon-silvaaguiar@mn.ufrj.br

2 Aluno do Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: jrjm_88@hotmail.com


3 José Horta Nunes faz parte do conjunto de autores que publicaram no número inaugural de *Policromias*. O tema de seu artigo é a representação da figura indígena em dicionários e em enciclopédias brasileiras. O artigo completo pode ser acessado no site da revista.



plina de Análise do Discurso, com a professora Maria Inês Ghilardi Lucena. Após uma experiência no ensino de primeiro grau e supletivo, resolvi me candidatar no mestrado na Unicamp, em Linguística. Na ocasião (era o ano de 1988), tendo contato com algumas das produções do Programa, li o livro *A linguagem e seu funcionamento*, de Eni Orlandi, e me interessei pela abordagem discursiva. Entrei em contato com a autora e cursei uma disciplina como aluno especial. Ali discutimos análises de discursos de viajantes e missionários, textos fundadores na nação, discursos sobre os índios, sobre a natureza, sobre a formação das cidades e do país. Um dos pontos teóricos que me chamaram a atenção nas leituras do curso foi a afirmação de Eni Orlandi, no livro *Discurso e Leitura*, de que o sujeito leitor tem uma história, de que valeria compreender a história das leituras e dos leitores. No mestrado, propus trabalhar, a partir daí, uma história do leitor brasileiro, desde os discursos da colonização, quando se atribuíam sentidos ao Novo Mundo. Em textos de Michel Pêcheux, discutidos durante o curso, era um momento em que a leitura e a interpretação ganhavam destaque. Ingressei no mestrado e comecei a participar de projetos e do grupo de pesquisa que Eni Orlandi coordenava. Foi com esse grupo e a rede de participantes e colaboradores em que ele se inseria que me tornei um analista de discurso.

2. Como você caracteriza o atual estado da arte dos estudos sobre o discurso no Brasil, sobretudo no que tange à Análise do Discurso de linha francesa? Há grandes diferenças, em sua opinião, no modo como essa área científica é conduzida no Brasil, em relação ao resto do mundo?

Atualmente, há uma diversidade de grupos disseminados pelo Brasil, com uma produção muito intensa, que se desdobra em diferentes linhas, mas que mantém uma unidade na diversidade, reconhecendo Michel Pêcheux e Eni Orlandi como autores fundadores. A Análise de Discurso feita no Brasil está inserida no mundo, não vejo uma divisão estanque aí, há uma mobilidade considerável de autores, há congressos e intercâmbios acadêmicos nacionais e internacionais. Sim, podemos apontar especificidades em diferentes países, mas a Análise de Discurso no Brasil alcançou uma dimensão tal, que ela passou a ter seu lugar reconhecido mais amplamente, após um grande esforço de muitos pesquisadores. Ela mostrou, com base nos trabalhos realizados, que tem o que dizer, dentro de suas possibilidades, como resultado decorrente de algumas décadas de produção local, bem como de debates, intercâmbios e colaborações internacionais. Internamente, no Brasil, a Análise de Discurso vive um momento muito gratificante com todas essas conquistas e a ampliação dos grupos de pesquisa, porém de grande responsabilidade quanto a seu futuro. A ampliação da AD levou a uma diversificação



de objetos de pesquisa e de recortes teórico-metodológicos. Alguns grupos se estabeleceram como prolongamentos de questões ligadas a projetos bem-sucedidos na área, como “Discurso, Significação, Brasilidade”, “História das Ideias Linguísticas”, “Sentidos Públicos no espaço urbano”. Outros dedicam-se a trabalhar um ou outro dos “entremeios” da Análise de Discurso, como a relação com a psicanálise, com a história, com a própria linguística (estudos enunciativos, do léxico, consequências para a descrição linguística, etc.). As novas tecnologias trouxeram uma mexida, levando ao estudo de novas textualidades e às discursividades digitais. Surgiram grandes temas, como os da cidade e do sujeito urbano, dos movimentos sociais, da ecologia, das identidades de gênero, das materialidades não-verbais, da segurança, da escolarização. Também se destacam temas interdisciplinares, alguns globais, para os quais a universidade é solicitada, como os da saúde, das mudanças climáticas, da ambiência, da inclusão social, das regiões metropolitanas. Por outro lado, há temas que perderam espaço, como os discursos políticos, jurídicos, pedagógicos, religiosos, enfim, aqueles que nos inícios da AD eram muito visitados. Os estudos discursivos da moral parecem, de certo modo, ser uma resposta a essa falta, mas eles não os substituem. Enfim, são muitos desdobramentos interessantes, que mostram o vigor da Análise de Discurso, e eu não conseguiria enumerar todos. Em meio a esse panorama, há também o risco de banalização e revisionismos. A responsabilidade que se apresenta no momento, a meu ver, é a de trabalhar para a constante renovação da AD, que concebe um dispositivo teórico e metodológico rigoroso e consistente, mas que não é fixado nem tomado como modelo, estando exposto ao movimento da história. O estado atual, então, após a impressionante ampliação de objetos de análise e de grupos, é o de olhar para a teoria do discurso, considerando-se essa experiência coletiva da área. E também a de uma dedicação a levar adiante questões específicas, conceituações, recortes bem delineados, que tragam densidade, aprofundamentos, consistência às reflexões sobre os dispositivos teóricos e analíticos.

3. Pensando em desdobramentos das questões em (2); e pensando, sobretudo, na Análise do Discurso de linha francesa, é possível traçar fases ou ciclos de estudos sobre o discurso no Brasil?

Traçar fases é pertinente para uma apreensão histórica da Análise de Discurso, mesmo que os traçados dessas divisões divirjam. Isso faz parte do debate epistemológico e da formação de pesquisadores. Mas tomar essas periodizações de modo rígido, em uma circulação reprodutora, sem questionamento, ou que desconsidere as condições históricas de cada etapa identificada, pode chamar a atenção mais para as versões abreviadas da ciência do que abrir horizontes para uma apre-



são histórica sustentada em fatos e estudos específicos mais elucidativos. Convém atentar também se essas sínteses são orientadas para o pesquisador da área, para justificar a introdução de uma outra teoria ou nova tendência, ou para situar a Análise de Discurso no campo mais amplo da História das Ideias Linguísticas, dentre outros objetivos que possam estar ligados a tais periodizações.

4. Em seu currículo, há uma quantidade extensa de publicações que visam à análise das representações em dicionários e em enciclopédias. O que mais chama sua atenção nesse tópico? Além desse, quais outros focos são de seu interesse?

O que mais me chama a atenção no estudo discursivo dos dicionários é o questionamento da evidência dos sentidos, da transparência da linguagem, bem como a relação desses instrumentos com a sociedade e a história. Foi possível mostrar pelas análises dos dicionários como se instrumentalizaram as línguas com diferentes objetivos: colonização, catequese, movimento iluminista, subsídios para uma história do Brasil, construção da língua nacional, escolarização, constituição de identidades regionais, divulgação científica e cultural, etc. A definição e as demais formulações do dicionário (colocações, citações literárias, exemplificações, acepções especializadas, comentários enciclopédicos, etc.) foram tratados como objetos discursivos. Também a incompletude da linguagem é algo interessante a ser pensado, porque um dicionário ou uma enciclopédia se propõe a falar de um “tudo” (da língua, das coisas, das ciências, etc.), ao mesmo tempo em que isso é impossível. Isso me fez pensar que o universo discursivo tem representações, e que ele tem uma pertinência heurística para a análise de discurso. Meus trabalhos atuais estão afetados por esse percurso pelos dicionários, pelas palavras na relação com os discursos. No Laboratório de Estudos Urbanos, atuo na linha de pesquisa “Estudos do Léxico Urbano”, mobilizando um corpus discursivo heterogêneo, composto de textos de especialistas da cidade (arquitetura, urbanismo, gestão), textos mediáticos, discursos cotidianos, textos artísticos, dentre outros que tomam a cidade como objeto. Visando a um público mais amplo, tenho me dedicado também à produção de materiais de divulgação científica e cultural, que contemplem resultados das pesquisas efetuadas.

5. Notamos que seus trabalhos relacionados aos dicionários e às enciclopédias estão muito próximo dos trabalhos de Francine Mazière. Como os trabalhos



da professora influenciaram os seus trabalhos? Como foi a estadia de trabalho e de pesquisa junto a ela na França?

Conheci Francine Mazière quando ela veio a Campinas, a convite de Eni Orlandi, juntamente com Denise Maldidier, e ministrou cursos no Instituto de Estudos da Linguagem. Na ocasião eu analisava discursos de viajantes e missionários e observava que nesses textos havia um tipo de conhecimento sobre o país, a natureza, o índio, os costumes, que se apresentava por meio de comentários sobre palavras dispersos ou organizados ao modo de listas e verbetes enciclopédicos. Foi um encontro feliz, pois Francine Mazière desenvolvera, juntamente com André Collinot, um método de análise discursiva de dicionários e efetuara análises dos primeiros dicionários franceses. Nessas circunstâncias, pensei que seria interessante analisar como surgiram os primeiros dicionários no Brasil, visto que havia uma grande diferença em relação ao espaço europeu, pois os primeiros dicionários aqui produzidos eram bilíngues português-tupi e tupi-português e havia também esse conhecimento enciclopédico produzido pelos viajantes e missionários, que precedeu ao aparecimento dos primeiros dicionários monolíngues nos séculos XVIII-XIX. Francine Mazière foi muito importante durante minha estadia na França, com seu conhecimento da análise de discurso francesa, a consideração pelos trabalhos do grupo de Eni Orlandi em Campinas e as boas relações que tinha com a equipe de História das Ideias Linguísticas dirigida por Sylvain Auroux. A Análise de discurso estava sendo questionada, mas aos poucos a presença brasileira foi ganhando a confiança e o reconhecimento que levaram a uma ampliação e continuidade dos projetos e dos intercâmbios de docentes e alunos. Isso favoreceu o desenvolvimento da HIL no Brasil, a produção de dissertações e teses, a criação de disciplinas na graduação e pós-graduação, a formação de novos grupos de pesquisa, a promoção de eventos, publicações, etc.

6. A História das Ideias Linguísticas ampliou o campo de pesquisa dos analistas do discurso. A relação entre o grupo liderado por Eni Orlandi, no Brasil, e o liderado por Sylvain Auroux, na França, foi altamente frutífera. Quais são as singularidades que você observa em relação aos trabalhos apresentados no Brasil e em relação aos trabalhos apresentados na França quando se trata dessa linha de estudos?

A especificidade que me chama a atenção foi a de que no Brasil empreendemos a história de um país de colonização, em que as primeiras reflexões sobre a linguagem foram realizadas por falantes não nativos, que transferiram a gramá-



tica latina e as gramáticas e dicionários das línguas neolatinas, especialmente do português, para um país em que existiam línguas indígenas, que não pertenciam à família das línguas latinas e nem mais amplamente das línguas indo-europeias. Foi preciso mostrar que o Brasil tinha uma história específica, o que não era evidente, pois os manuais de história da linguística praticamente ignoravam o que se fazia no Brasil, assim como aconteceu com outras partes do mundo. Além disso, a presença indígena colocava a questão das línguas de tradição oral e das situações de contato. O modelo de colonização também levou a refletir sobre o que Eni Orlandi chama a “heterogeneidade linguística”, no sentido específico de que em uma língua como o português brasileiro há a dupla presença da língua do colonizador e do colonizado. Essa situação heterogênea se desdobra com estudos da presença das línguas de imigrantes no Brasil, bem como de processos de descolonização linguística, de formação de espaços internacionais, transnacionais, e ao que atualmente se denomina a lusofonia, envolvendo os países com presença de língua portuguesa no mundo. A história da introdução da linguística no Brasil, a institucionalização das ideias linguísticas, o estudo de obras e autores significativos dessa história, são temas constantes. A noção de “instrumento linguístico” abrangeu grande variedade de textos: além de gramáticas e dicionários, também forma estudados manuais, cartilhas, catecismos, legislações, textos documentais, dentre outros. Na França, a característica mais marcante, a meu ver é a de uma grande erudição no conhecimento das línguas antigas, como o grego, o latim, o sânscrito, até a história das línguas vernáculas, especialmente do francês. Destaca-se também o estudo histórico das teorias gerais, que reúnem saberes sobre diferentes línguas, desde a Idade Média, passando pela Gramática de Port Royal no século XVIII e as teorias comparatistas do século XIX. E foi uma proposta inovadora da HIL a consideração de outras regiões do globo, como as tradições chinesa, árabe, indiana, africana e outras, bem como a dos países da América Latina em que nos situamos. O pressuposto teórico é o de que o conhecimento linguístico se produz em sua diversidade no tempo e no espaço e não conforme uma evolução linear proveniente de uma ou outra tradição. A França é um dos países em que se encontram pesquisadores de diversas partes do mundo para discutir a História das Ideias Linguísticas, o que nas últimas décadas tem se expandido. Isso se nota pelo perfil de mobilidade dos congressos trienais da ICHoLS (International Conference on the History of the Language Sciences), que desde 1978 têm ocorrido, em alternância, em diversos países: Alemanha, Brasil, Canadá, Estados Unidos, França, Inglaterra, Itália, Portugal, Rússia.

7. Seu principal referencial teórico — a Análise do Discurso de linha francesa — é, declaradamente, um espaço interdisciplinar de discussão em torno da linguística, da psicanálise e do marxismo. De um ponto de vista científico,



como você encara a possibilidade de perceber seu objeto de estudo, o discurso, por diversas facetas?

O que traz unidade a essas diferentes facetas da Análise de Discurso, a meu ver, é a própria teoria do discurso. É isso que faz com que a Análise de Discurso, que se constitui no entremeio dessas teorias, não se confunda com nenhuma delas e tenha um objeto próprio. Reconhecer a heterogeneidade científica é algo que me parece muito interessante na Análise de Discurso. Isso evita considerar as teorias que a constituem de modo espontâneo e a trabalhar seus limites, suas fronteiras. O dinamismo da AD tem propiciado percursos cada vez mais consistentes em direção à linguística, à psicanálise, ao materialismo histórico. Uma questão que me parece pertinente colocar é como os conceitos do dispositivo teórico da AD são aí formulados, trabalhados, quando se é afetado de modo produtivo por essas regiões de entremeio. E além dessas disciplinas do entremeio, a Análise de Discurso estabelece relações com as ciências humanas em geral e, conforme o objeto de análise que se apresenta, outras são convocadas, como as que envolvem os estudos urbanos (arquitetura, urbanismo, antropologia, geografia, etc.), a medicina, a educação física, a divulgação científica, as artes. Acredito que importa perceber, em cada caso, que tipo de relação é essa entre as disciplinas, incluindo-se as de entremeio, a multidisciplinaridade e a interdisciplinaridade de várias configurações e níveis de aprofundamento. Atuando em um núcleo interdisciplinar, no Laboratório de Estudos Urbanos, importa, primeiramente, trabalhar uma visão discursiva da cidade. Em segundo lugar, relações de interdisciplinaridade com especialistas do urbano, tal como apontados acima, com aproximações que possam resultar consequências teóricas para a AD. Finalmente, trabalhar a multidisciplinaridade, por meio de projetos e publicações com temáticas amplas, que permitam confrontar resultados provenientes de diferentes abordagens e levar a novas questões para a área.

8. Terminando nossa série de perguntas, gostaríamos de lhe perguntar sobre uma curiosidade acadêmica. Você esteve em lados muito diferentes do mundo acadêmico: no de professor, na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”; e no de pesquisador, na Universidade Estadual de Campinas. A partir de sua própria trajetória, você concorda com a tradição acadêmica brasileira de considerar ensino e pesquisa indissociáveis? Pensando, em especial, em ganhos e em perdas inerentes à mudança de professor universitário para pesquisador, suas perspectivas a respeito da pesquisa científica mudaram depois disso?

Acho que a tríade ensino, pesquisa e extensão é pertinente para contemplar as diversas atividades universitárias. Quanto às carreiras, elas se estabele-



cem em meio a esses direcionamentos, com diferentes configurações. O nome da carreira não se confunde com a atividade, pois tanto o docente quanto o pesquisador realizam ou podem realizar atividades de ensino, pesquisa e extensão. Isso não impede que haja especificidades na carreira de docente e na de pesquisador, ou mesmo no maior ou menor peso dedicado a um ou outro ponto dessa tríade. Na UNESP, senti que a docência na graduação é muito valorizada, e aprendi muito com isso. Ao mesmo tempo, tem havido ali um crescente interesse pela pós-graduação e pela internacionalização. Fiquei entusiasmado com isso quando tive a oportunidade de estar na coordenação do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UNESP de São José do Rio Preto. A Unicamp valoriza muito a pesquisa e a inovação, e cada vez se aproxima mais da sociedade, por meio de programas de extensão e parcerias com o público e o privado. As estruturas de Núcleo, Centro e Laboratório, estão inseridas em uma instância superior (a COCEN – Coordenadoria de Centros e Núcleos). Isso proporcionou melhorias significativas para a carreira e para a representação dos pesquisadores. Com os relatórios mais abrangentes e consistentes, há melhores condições de mostrar internamente e à sociedade o que fazem os pesquisadores e os núcleos interdisciplinares. No Laboratório de Estudos Urbanos do NUDECRI (Núcleo de Estudos da Criatividade), atuo em um programa de Pós-graduação que resulta de uma parceria entre o Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) e o NUDECRI. É um programa interdisciplinar (Mestrado em Divulgação Científica e Cultural), que conta com docentes do IEL, pesquisadores do NUDECRI e com os que vêm de outros institutos e faculdades. Esse tipo de Programa favorece muito o convívio e a colaboração entre pesquisadores e docentes. O Programa recebe alunos de procedência variada. Além dos que vêm da linguagem, há jornalistas, agentes culturais, museólogos, profissionais da mídia e especialistas de várias áreas que se envolvem com divulgação científica e cultural.

